

UMA ODE LATINA, INÉDITA, DE ANDRÉ DE RESENDE

Quando, antes de 1516, jocosamente lastimava em Aires Teles *naçer en ssino de latym!* (1), bem longe estava o primeiro Conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, de supor o que de fecundante viria a ser esse «ssino» na vida cultural portuguesa dos subseqüentes decénios. Prova eloquente dessa fecundidade é o testemunho de André de Resende no discurso proferido, em 1551, no Real Colégio das Artes de Coimbra (2) ao afirmar que, nos últimos cinquenta anos, uma trintena, pelo menos, de portugueses, de tal modo se tinha distinguido em obras vindas a público que bem podiam eles comparar-se com os Antigos, não apenas pela elegância de estilo, mas ainda pela gravidade do assunto; e que até lhe era possível citar nomes de mulheres portuguesas — entre as quais ocupava lugar proeminente a Infanta D. Maria, irmã do Rei — que em erudição se mediam com toda a Antiguidade:

«... possum enim ostendere Lusitanos et philologos esse, et intra quinquaginta proximos hos annos non pauciores triginta floruisse, etiam scriptis editis, qui veteribus quum dictionis elegantia tum rerum gravitate, possint jure conferri. Possum mulieres quoque ostendere, quae cum omni vetustate certent eruditione, ac in primis Mariam Regis nostri sororem...»

Uma das mais distintas e ricas personalidades de entre os nossos «latinos» é, sem dúvida, e precisamente, o mesmo André de Resende, o qual em nenhuma das suas múltiplas actividades sobressaiu tanto

(1). *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, vol. II, pág. 281.

(2) *L. Andr. Resendii Oratio habita Conimbricæ in Gymnasio Regio, anniversario dedicationis eius die. Quarto Calendas Iulii — M.D.LI.*

como na de antiquário. É esta «que dá carácter ao seu Humanismo» (1) e que fez dele o «pai dos estudos arqueológicos em Portugal» (2).

No moroso decurso da investigação e análise de todas as fontes que directa ou indirectamente respeitassem a estudo sobre duas figuras do nosso Humanismo, veio-me à mão o *De Antiquitatibus Lusitaniae* (3), onde o seu editor, o cónego eborense Diogo Mendes de Vasconcelos, amigo e biógrafo de Resende, nos apresenta (4) um excerto — o final — de uma poesia do antiquário, «convidando para uma ceia Julião d'Alva e Pedro Sanchez, como amigos e familiaríssimos que ambos eram».

Novidade alguma constituía para mim esta amizade. Novidade, sim, era o lapso do humanista Diogo de Vasconcelos, ao confundir o segundo convidado com Rodrigo Sanchez, pois que a poesia, cujo manuscrito encontrei, e que pela primeira vez é agora publicada, tem o seguinte teor:

JULIANO ALBIO ET RODERICO SANCTIO
LUCIUS ANDREAS RESENDIUS

«Nondum saevit hyems omnino, et sole tepenti
Meum renidet Xystulum.
Floret citrus adhuc, vestit quoque purpura longos
Crocī capillos Smilaci
Dilectos quondam, fuit haec dum virgo, puerque
Formosus ille, at contumax.
Sol Hyperionides iam Saturnalia circa
Idus Novembreis attulit.
Saturnalia sunt, sunt Saturnalia, puro
Dies notanda calculo.

(1) Prof. Doutor Costa Pimpão, *História da Literatura Portuguesa*, vol. II, pág. 54.

(2) Idem, pág. 55.

(3) *Libri Quatuor De Antiquitatibus Lusitaniae a Lucio Andrea Resendio olim inchoati & a Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti atq̃ absoluti...* Excudebat Martinus Burgensis Academiae typographus, Eborae anno 1593.

(4) In *Vita L. Andreae Resendii auctore Iacobo Menoetio Vasconcello*, fl. 3.

Quid cessas Albi, quid tu lepidissime Sancti?
 Relinenda nobis dolia.
 Sive picata placent, cretato et cortice tecta,
 Cortex revelletur statim,
 Seu magis iligna proritent condita cupa,
 Mordax terebrum inrepserit,
 Imo nulla meri non versa fidelia restet,
 Sive horna, seu vetustior.
 Jam mea turba operi medio se adcingit in horto,
 Quo vos vocat meridies.
 Et vitreos calices lepidi jam Brittius, atque
 Aurelius refrigerant.
 Vivamus hodie, nam cras reddemur acerbis
 Aulae tumultibus gravis.
 Quamquam o si tantum mihi roboris esset, ut uti
 Tandem pigeret regibus,
 Pulchrius esset olus musis prandere benignis,
 Utcumque dii vitam darent
 Exigere, Aonias deducere monte Sorores,
 Aevum canendo extendere,
 Ne totus morerer, sed pars non pessima nostri
 Olim superstes viveret.
 Dicetis, nihil haec ad Saturnalia; adeste,
 Posui severis jam modum».

Uma vez apontado e devidamente rectificado este erro, repetido, desde 1593 até nossos dias, através não só das restantes edições da mesma obra (1), como também de Leitão Ferreira (2) e de Braancamp Freire (3), cumpre-me ainda idêntica atitude em relação a um outro

(1) *L. Andreae Resendii, Eborensis, Scriptorum nunc simul Editorum. Tomus alter*, quo quid contineatur, vide lector, post epistolam dedicatorem. Coloniae Agrippinae, in Officina Bickmannica sumptibus Arnoldi Mylij, Anno salutis M.DC (p. 25: Ad Iulianum Albium & Petrum Sancierum: Saturnalibus);

L. Andreae Resendii Eborensis, Poemata, Epistolae Historicae, Orationes, quibus praeter exquisitum verborum delectum et ornatum et Historiae admodum memorabiles continentur. Coloniae, Apud Gerhardum Greuenbruch, Anno M.D.C. XIII (p. 25: Ad Iulianum Albium & Petrum Sancierum: Saturnalibus).

(1) *Notícias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, 2.^a Parte, vol. III, tomo I.

deslize que encontrei no ilustre crónologista da Universidade de Coimbra, deslize reiterado e corroborado pelo anotador e editor das suas *Noticias da Vida de André de Resende* (1).

Ao enumerar a produção literária do ilustre arqueólogo alentejano, escreve Leitão Ferreira:

Hũa Ode a D. Juliaõ de Alvã, que depois foi Bispo de Miranda, e a Pedro Sanches, ambos seus intimos amigos, convidando-os para hũa cea; *principia esta ode* (2):

«Vivamus hodie, nam cras reddemur amaris
Aulae tumultibus gravis.» (3)

Cotejando, verificamos, porém, que este dístico nada tem de comum com o *começo*, mas sim com a duodécima estrofe da ode que acabo de revelar — estrofe com a qual perfeitamente coincide. O esclarecimento, contudo, surge rápido se recorrermos ao *De Antiquitatibus Lusitaniae*, em que o seu editor (4) nos confessa que Resende foi:

«(...) musis semper, et literario otio delectatus: Quod multis in locis ipse testatur, et praecipue in quadam ode ad Iulianum Album virum clarissimum, qui postea Mirandensis episcopus fuit, et Petrum Sancium, ambos ut amicos et familiarissimos Saturnalibus ad coenam invitans, *ubi ad finem ita canit*» (5):

Vivamus hodie, nam cras reddemur amaris
Aulae tumultibus gravis.

Quanquam o si tantum mihi roboris esset, ut uti
Tandem pigeret regibus.

Pulchrius esset olus musis prandere benignis,
Utrumque dii vitam darent

Exigere, Aonias deducere monte Sorores,
Aevum canendo extendere,

(1) *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, 2.^a Parte, vol. III, tomo I.

(2) O sublinhado é meu.

(3) *Noticias Chronologicas*, Segunda Parte, vol. III, tomo I, pág. 185.

(4) Op. cit., loc. cit.

(5) O sublinhado é meu.

Ne totum morerer, sed pars non pessima nostri
 Olim superstes viveret.
 Dicetis, nihil haec ad Saturnalia adeste,
 Posui severis jam modum».

Do cotejo feito ressalta que Leitão Ferreira, não atentando na última frase do biógrafo de Resende, ou vertendo-a errôneamente (1), tomou o «final» pelo «começo» e, conseqüentemente, a parte pelo todo; daí, o incluir, sob o n.º 87, na sua *Ephemeride historial*, relativa ao dia 9 de Dezembro (2), aquilo que ele supunha ser uma ode, mas que, afinal, não passa de seis estrofes das dezassete que a constituem.

O lapso consegue ainda escapar-se à verificação de Braancamp Freire, que não só lhe dá guarida (3) como também abundante alimentação na sua *Bibliografia Resendiana* (4).

CÂNDIDO APARÍCIO PEREIRA

(1) «onde até ao fim assim canta» por «onde quase no fim assim canta»?

(2) Op. cit., págs. 222 a 244.

(3) Págs. 36, 106, 118 e 120.

(4) Págs. 208, 213, 217 e 230.